



GT 20. Big data e thick data: pensando o lugar da antropologia digital

Coordenador(es):

Débora Krischke Leitão (UQAM - Université du Québec à Montréal)

Laura Graziela F. de F. Gomes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Raíra Bohrer dos Santos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2

Debatedor/a: Jair de Souza Ramos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 3

Debatedor/a: Eliane Tânia Martins de Freitas (UFRN)

Nos últimos anos, eventos políticos importantes foram concebidos e produzidos utilizando a mineração e análise de dados nas redes e motores de busca. Dados estes, pertencentes a milhões de usuários que tiveram suas informações vasculhadas, roubadas e utilizadas através de metodologias específicas por governos, partidos políticos, think tanks e empresas privadas. Para além das crises políticas e éticas desencadeadas, a euforia em torno dos “big data” reforçou a idéia implícita de que essas metodologias de pesquisa e análises utilizadas não deixariam mais lugar para outras abordagens qualitativas. Debates em torno dos “thick data” surgiram como reação a essa perspectiva, propondo que abordagens mais etnográficas das plataformas digitais são necessárias para dar conta de uma cultura digital diversificada, ao mesmo tempo global/local, incorporando a dimensão das emoções, da experiência e do significado. O presente GT tem interesse especial em reunir pesquisas etnográficas sobre diferentes modos e estilos de envolvimento com as plataformas digitais enfatizando a produção de subjetividades e exercícios imaginativos de experimentação nos cruzamentos e hibridizações com a tecnologia. As plataformas digitais divergem entre si quanto aos modos de uso e de relacionamento - participação, interação, engajamento, conexão, presença, envolvimento, imersão, incorporação -, ao mesmo tempo em que tornam a rede heterogênea, criando obstáculos às generalizações e reduções.

Condomínio Online: O protagonismo das redes sociais no cotidiano entre vizinhos em um condomínio clube no subúrbio do Rio de Janeiro.

Autoria: Caroline Martins de Melo Bottino (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Os condomínios clube, empreendimentos de grande porte que disponibilizam amplas áreas de sociabilidade e lazer, são uma nova forma de habitar as cidades e estão em expansão pelo Rio de Janeiro. Unindo vida comunitária e privativa, esses espaços são profícuos para a construção de diversas análises no âmbito da antropologia que vão desde a temática urbana até a política e a religiosa. O diferencial do presente objeto, um condomínio com 4 blocos de apartamentos e mais de 500 unidades autônomas está no protagonismo das plataformas digitais no cotidiano desse espaço, que atualmente conta com mais de 5 grupos no Whatsapp, 2 grupos no Facebook, 1 canal no Youtube e uma conta no Instagram. Posto isto, o presente estudo se dispõe a retratar o processo de constituição de um condomínio online e da construção das relações de vizinhança através das plataformas digitais de comunicação, acompanhando um empreendimento que foi lançado para vendas em março de 2010 e apenas alguns meses depois, no mesmo ano, já contava com seu primeiro grupo



online pela plataforma de e-mails do Yahoo! e mais de 100 membros inscritos. Como observou MILLER (2016), ao invés de seguir fazendo a distinção entre a vida online e off-line, devemos nos ater a como as mídias sociais engendraram o que ele chama de sociabilidade escalável, o modo como os indivíduos classificam os seus ambientes de relacionamento, como se expõem mais ou menos em determinadas redes e para determinados grupos, por eles classificados. A vizinhança online surge, assim, como uma consequência desses tempos digitais, não menos autêntica que a forma antiga de se relacionar com aqueles que residem próximo, mas evidencia a necessidade de interação e moderação dessa interação, que pode ser gerenciada por meio desses grupos e plataformas. Ao mesmo tempo que une, construindo não só uma vizinhança, mas também um condomínio online, reproduzindo nas redes o espaço físico, também segrega, fazendo com que os que optam por não participar dessas plataformas, nos momentos de interação ?presencial?, face a face, como as assembleias e afins, se sintam excluídos por estarem, na maioria das vezes, alheios aos assuntos que foram amplamente discutidos nos grupos online. A renovação dos grupos é recorrente, alguns já foram apagados por seus administradores e outros surgiram no lugar, para substituírem, mas nunca houve um só momento em que o condomínio não estivesse na rede e sua vizinhança conectada de alguma forma, por meio de alguma plataforma. Assim sendo, este estudo dialoga com o grupo de work à medida que abarca questões como os diferentes modos de interações com as plataformas digitais de comunicação e a inserção no universo online de relações que já foram amplamente analisadas, como a de vizinhança.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: